

O TRABALHO NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA: UM ESTUDO DAS OBRAS DE ZYGMUND BAUMAN

Danielle Cristina Ferrarezi Barboza

Resumo: este artigo propõe apresentar as mudanças ocorridas no trabalho numa era mais do que moderna, uma modernidade fluida, que não possui forma fixa e que não dá segurança alguma em planos para o futuro. Em uma sociedade que luta pela liberdade, mas que se aprisiona na busca desenfreada pela mesma. Em uma sociedade líquida ou pós-moderna, onde o trabalho se configura instável e flexível, pouco seguro e pouco rotineiro. Onde as ideias são as maiores responsáveis pelo sucesso de um profissional e o conhecimento seu melhor e mais eficaz instrumento de trabalho. Para a elaboração deste artigo foram utilizadas as obras do sociólogo Zygmund Bauman, reconhecido como o maior estudioso da sociedade pós-moderna.

Palavras-chave: Trabalho; Sociedade Pós-Moderna; Sociedade Líquida; Psicologia Social.

Abstract: this article proposes to present the changes at work was more than a modern, fluid modernity, which has no fixed form and does not give any security in plans for the future. In a society that struggle for freedom, but that imprisons the unbridled quest for it. A liquid or postmodern society, where work is configured and flexible unstable, unsafe and little routine. Where ideas are the most responsible for the success of a professional knowledge and your best and most effective working tool. To prepare this article we used the works of Zygmund Bauman sociologist, recognized as the greatest scholar of postmodern society.

Keywords: Work; Postmodern society; Net society; Social Psychology.

Introdução

O trabalho sempre foi foco de vários estudos e é um tema que nunca se exausta. Sempre haverá algo para se conhecer ou compreender sobre uma das atividades que mais contribuem para evolução da humanidade. Nesse estudo, o trabalho foi analisado diante de um contexto histórico, a pós-modernidade e teve como fonte de informação principal o sociólogo polonês Zygmund Bauman e suas obras: Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria (2008), Vida Líquida (2007), Tempos Líquidos (2007) e Modernidade Líquida (2001).

Zygmund Bauman nasceu em 1925 na Polônia, país da Europa Central. Tem sido reconhecido como o melhor pesquisador da pós-modernidade e por isso foi escolhido para este estudo. Começou sua vida profissional como sociólogo geral na Universidade de Varsóvia, de onde foi afastado por ter artigos e livros censurados em 1968. Emigrando da Polônia para o Canadá, reconstruiu sua vida, seguindo depois para os Estados Unidos, Austrália, até chegar à Grã-Bretanha e se tornar o professor titular de sociologia da Universidade de Leeds, ocupando por vinte anos esse cargo. É autor de muitos livros e pelo menos dezesseis deles foram traduzidos no Brasil, sendo a maioria de suas obras traduzidas uma defesa da existência da pós-modernidade ou como ele chama da “Modernidade Líquida²¹”.

²¹ As informações biográficas de Zygmund Bauman foram extraídas dos seus livros referenciados no trabalho.

Analisar o trabalho e suas mudanças na pós-modernidade é desafiar o tempo, primeiro porque é o atual período em que vivemos e segundo que é um período marcado por mudanças constantes, o que torna ousado descrever o que é, sendo que em pouco tempo pode não ser mais. Porém, é de extrema importância discutir sobre o tema, uma vez que as pessoas estão ansiosas em busca da compreensão dessas mudanças e de suas escolhas diante delas. Para conseguir ingressar e se manter nesse mundo do trabalho, é necessário conhecer os vieses que o tornam tão complexo.

Pós-modernidade ou Modernidade Líquida e sua Sociedade

O contexto histórico em que vivemos no século XXI é reconhecido por muitos como pós-modernidade. Segundo Anderson (1999) o termo surgiu em uma periferia da América hispânica na década de 1930, por Federico de Onís, que usou o termo “para descrever um refluxo conservador dentro do próprio modernismo: a busca de refúgio contra o seu formidável desafio lírico num perfeccionismo do detalhe e do humor irônico” (ANDERSON, 1999, p. 10). O termo, então, entrou para o vocabulário da crítica espanhola como categoria de estética e, somente, 20 anos depois se expandiu para o inglês, como categoria de época. A cada década que se seguiu desde o aparecimento do termo o conceito do que é pós-modernismo se modificou e ganhou forças, apesar do termo ser incorreto para muitos estudiosos, pois o termo moderno representa o “presente absoluto”, ou seja, não permite a definição de qualquer período posterior que converte o termo num passado relativo. Então, usar o prefixo “pós” é insito ao próprio conceito. Porém, mesmo sendo um termo não muito adequado, na década de 1970, o pós-moderno ampliou sua difusão.

A expressão “Modernidade Líquida” é usada por Bauman (2001) para abordar o que considera a característica principal da pós-modernidade, que é a fluidez, a flexibilidade de adaptação que as pessoas precisam ter para acompanhar a velocidade em que as “coisas” acontecem. Ser líquido, para ele, é poder estar em qualquer forma diante de qualquer situação, conforme a mesma exige, numa constante adaptação. O tempo neste estado seria o fator principal da mudança, pois é a urgência de atender as demandas do tempo que tornam as vidas líquidas. A mobilidade é uma característica marcante da modernidade líquida.

A sociedade e a vida iniciaram um processo de derretimento em busca da fluidez, a partir do momento em que a solidez das decisões se tornou rígidas demais, sem liberdade de escolhas, ou melhor, sem opções de escolhas. Portanto, foi à necessidade de liberdade para agir, individual de cada um, que exigiu da rigidez a flexibilidade. Bauman (2001, p. 36) apresenta essa sociedade da seguinte forma:

A sociedade que entra no século XXI não é menos “moderna” que a que entrou no século XX; o máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente. O que a faz tão moderna como era mais ou menos há um século é o que distingue a modernidade de todas as outras formas históricas do convívio humano: a compulsiva e

obsessiva, contínua, irrefreável e sempre incompleta *modernização*, a opressiva e inerradicável, insaciável sede de destruição criativa (ou de criatividade destrutiva, se for o caso: de “limpar o lugar” em nome de um “novo e aperfeiçoado” projeto; de “desmantelar”, “cortar”, “defasar”, “reunir” ou “reduzir”, tudo isso em nome da maior capacidade de fazer o mesmo no futuro – em nome da produtividade ou da competitividade).

Os homens modernos, portanto, não conhecem limites para o aperfeiçoamento além das limitações de seus próprios dons herdados ou adquiridos, de seus recursos, coragem, vontade e determinação. Assim sendo, o que o homem constrói ele pode destruir. Ser moderno é “ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado” (Bauman, 2001, p. 37). Esse movimento constante realizado pelo homem moderno é devido à impossibilidade de atingir a satisfação, ou pelo menos a plena satisfação. É no momento de sua realização que os objetivos perdem sua atração e seu potencial de satisfação. Por isso, ser moderno “é estar na frente de si mesmo, num Estado de constante transgressão [...]; também significa ter uma identidade que só pode existir como projeto não-realizado” (Bauman, 2001, p. 37).

No contexto da modernidade líquida, os sólidos que estão para ser derretidos, ou que estão derretendo nesse momento “são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas” (BAUMAN, 2001, p. 13). Para exemplificar, podemos observar o núcleo da vida familiar dissolvido pelo divórcio e sem tardar novos núcleos sendo formados com outras famílias também dissolvidas. O que se torna perceptível é que “são esses padrões, códigos e regras a que podíamos nos conformar, que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar depois guiar, que estão cada vez mais em falta” (BAUMAN, 2001, p. 14).

O que preocupa dentro deste contexto é que os padrões de comportamentos não são mais herdados, como também não são por si só evidentes, são conflitantes, contraditórios e se chocam o tempo todo, de tal maneira que perderam seus poderes coercitivos de impedir determinadas atitudes. O problema que era macro, político, agora é micro, individual. Uma prova disso são as privatizações dos órgãos públicos, como também, a privatização das responsabilidades de educação e saúde. As famílias com medo de não terem seus filhos assistidos como exige a competição do mercado de trabalho, pagam para que eles recebam educação fundamental e média em instituições privadas; assim também é com a saúde, pois quem não tem um plano médico particular, pode correr o risco de morrer num corredor de hospital público.

A sociedade líquida é marcada pela velocidade dos acontecimentos e pela flexibilidade necessária de adaptação às mudanças. Hábitos e rotinas são difíceis de serem mantidos e as pessoas são obrigadas a atualizar seus conhecimentos e comportamentos mais rápido do que conseguem aprendê-los. Não é possível manter a forma e o curso da vida numa sociedade onde

mudar é o verbo mais conjugado. Como bem coloca Bauman (2007), “em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades, em incapacidades”.

Sendo assim, usar o passado para prever o futuro, como sempre foi feito, não é muito recomendado, é cada vez mais difícil fazer planos seguros (BAUMAN, 2007). A maior preocupação das pessoas é não ter tempo para realizar tudo o que é necessário para fazer parte da sociedade pós-moderna, e assim, facilmente começam novos projetos e dificilmente os terminam, abandonando pela metade cursos, trabalhos, namoros e até casamentos, pois sempre tem uma nova proposta a realizar, um curso mais atual a fazer, um namoro mais interessante para se relacionar e um projeto mais promissor. O casamento já inicia com o direito ao divórcio, descartando facilmente a possibilidade do “para sempre”.

Bauman (2001, p. 21), declara que

numa notável reversão da tradição milenar, são os grandes e poderosos que evitam o durável e desejam o transitório, enquanto os da base da pirâmide – contra todas as chances – lutam desesperadamente para fazer suas frágeis, mesquinhas e transitórias posses durarem mais tempo.

Uma das marcas registradas da sociedade moderna, segundo Bauman (2001) é a apresentação dos membros como indivíduos. Essa individualização que tanto exige a sociedade moderna muda de significado de pouco em pouco tempo, assumindo novas formas; o que significa agora é muito diferente do que significava há mais de cem anos no início dos tempos modernos. Ele resume que “a ‘individualização’ consiste em transformar a ‘identidade’ humana de um ‘dado’ em uma ‘tarefa’ e encarregar os atores da responsabilidade de realizar uma ‘tarefa’ e das consequências (assim como efeitos colaterais) de sua realização” (p. 40).

No mundo pós-moderno, tudo corre por conta do indivíduo, que deve “descobrir do que é capaz de fazer, esticar essa capacidade ao máximo e escolher os fins a que essa capacidade poderia melhor servir” (BAUMAN, 2001, p. 74). Esse mundo é cheio de oportunidades, cada uma melhor do que a outra, compensando a outra e preparando o solo para as demais que virão. Poucas coisas são pré-determinadas, definitivas ou irreversíveis e assim, as pessoas querem que permaneçam, infinitas, por isso lutam para que estas coisas continuem líquidas e fluídas. Porém, essas mesmas coisas que libertam, que dão todas as chances de vir a ser, também aprisionam, afinal todo estado é inacabado, incompleto, fluido, flexível e sem forma definida ou definitiva, e o indivíduo está preso a necessidade de acompanhar a evolução, as mudanças, as novas formas a qual o mundo moderno lhe oferece para ser naquele momento.

Todas as possibilidades que este mundo pós-moderno nos oferece, não são possíveis de serem realizadas, muitas delas deverão ser deixadas para depois ou até abandonadas. Surge, então, a necessidade de priorizar o que realmente é importante e correr o risco de fazer a escolha errada.

A globalização, que é o nome dado para a quebra de fronteiras comerciais entre os países, transformou as sociedades em abertas, tanto material como intelectualmente. Essa sociedade admite sua incompletude, e por isso, se apresenta “ansiosa em atender suas próprias possibilidades ainda não-intuídas, muito menos exploradas” (BAUMAN, 2007a, p. 13). Porém, significa uma sociedade incompetente em escolher o próprio curso com algum nível de certeza e em assegurar o percurso escolhido. A sociedade aberta traz à maioria das pessoas a experiência assustadora de uma população obediente, infeliz e vulnerável, amedrontada pela sua própria vulnerabilidade, sem segurança (BAUMAN, 2007a).

A sociedade líquida nada mais é que uma sociedade de consumo, voltada para o consumo, que estimula e desenvolve o consumo. Sendo assim, tudo e todos estão focados no consumo. Enquanto na modernidade sólida a sociedade era de produtores e o trabalho era seu papel-chave, na modernidade líquida o papel-chave é o consumo. O “consumismo” é a expressão usada para a falta de controle do consumo, onde as necessidades são confundidas com desejos e o ser é confundido com o ter. Bauman (2008, p. 41) descreve o consumismo como um atributo da sociedade e que “para que a sociedade adquira esse atributo, a capacidade profundamente individual de querer, desejar e almejar deve ser, tal como a capacidade de trabalho na sociedade de produtores”.

Diante dessa fluidez da sociedade atual, o desejo humano de estabilidade se transformou no desejo de correr riscos, de se ter e viver algo novo. Por isso, as pessoas sentem a necessidade de obter as atualizações e versões mais novas do mercado. De acompanhar as novidades e descartar tudo o que não se encaixa mais aos novos atributos. “A passagem para a sociedade de consumidores do presente significou, portanto uma mudança de ênfase mais que uma mudança de valores” (BAUMAN, 2001, p. 182).

O Trabalho na Modernidade Líquida

O trabalho sempre foi reconhecido como a “sustentação” do homem, em ambos os sentidos, que sustenta suas necessidades físicas e seus desejos de realização, porém é também o motivo de suas piores angústias. Definido num contexto de extrema competição, onde as organizações se veem obrigadas a evoluírem diariamente, com novas máquinas e equipamentos, novos talentos, para a atenderem exigências de clientes e se manterem no mercado, o trabalho, necessita de atualizações constantes, de profissionais dispostos a aprenderem novas habilidades o tempo todo. Na linguagem virtual, que estamos mais do que inseridos, o trabalho precisa de *up grades* diários.

Na modernidade líquida foi inserido o termo “empregabilidade”, que nada mais é do que o indivíduo se manter empregável no mercado, em qualquer organização e diante de qualquer circunstância. Isto significa que a responsabilidade de capacitação e atualização do trabalhador não é mais em conjunto com o governo e com as organizações, mas sim de cada um. O profissional que não se atualiza, não adquire novas habilidades profissionais e

peçoais constantemente, pode estar fadado ao desemprego. Nessa busca desenfreada de atender as demandas dessa nova realidade profissional, que os indivíduos se tornam instáveis e pouco previsíveis. A receita do bom currículo, do profissional perfeito e desejável, passou a uma “folha em branco” onde as informações são incluídas e excluídas diariamente e diante de cada situação. O trabalho é uma incógnita, um risco que as pessoas correm a cada escolha, desde que curso técnico ou superior fazer, que informações colocar no currículo, até que vaga se candidatar. Inclui-se aqui, os concursos públicos, que sempre foram considerados a oportunidade de “um emprego para sempre” e que agora sofrem da instabilidade individual, pois, os funcionários públicos também se angustiam com o definitivo e muitas vezes escolhem deixar a estabilidade pública para os desafios do mercado de trabalho privado, afinal, a ousadia é uma competência cobrada dos profissionais de sucesso.

As habilidades precisam ser adquiridas pelos profissionais constante e rapidamente, pois o mercado de trabalho muda muito e as pessoas precisam estar prontas para atender suas novas exigências, além disso, com a mesma velocidade que essas novas habilidades são aprendidas, deixam de ser valorizadas, devendo, então, serem substituídas. A busca pelo conhecimento não tem limites e por ela as pessoas estão dependentes. Quanto mais se conhece, mais precisa se conhecer, há um infinito de conhecimentos disponível para se aprender (BAUMAN, 2007).

Sendo o conhecimento a ferramenta de trabalho mais adequada para a modernidade líquida, o grau de escolaridade do indivíduo passou a ser cobrado mais do que suas experiências profissionais. Ter um diploma universitário, não é mais um diferencial competitivo, como na modernidade sólida, é uma “obrigação”. A graduação deixou de ser um sonho e passou a ser uma necessidade.

Além dos conhecimentos e das habilidades, as atitudes dos profissionais também são exigidas e buscadas pelas organizações da modernidade líquida. Saber o que e como se deve fazer as atividades não são suficientes para se ter destaque no trabalho. É preciso se posicionar, dar opiniões, conseguir tomar decisões e fazer boas escolhas, saber o que fazer com o que se conhece e se sabe realizar.

Diante de todas essas mudanças do mercado de trabalho, os padrões também precisaram sofrer modificações. Derreter também foi necessário para os donos e dirigentes das organizações de trabalho. Assim, se tornaram pessoas mais maleáveis, de tal forma, que as gerações anteriores nem imaginariam que ocorreria. Portanto, como líquidos, esses líderes não possuem forma e não se mantêm por muito tempo em uma forma, o que ocorre é uma liderança situacional, ou seja, diante de cada um e de cada circunstância uma decisão diferente (BAUMAN, 2001). Com isso, também são imprevisíveis, e o que hoje é uma característica desejável dos profissionais por esses líderes podem deixar de ser amanhã. De acordo com Bauman (2008, p. 18):

Os empregadores desejam que seus futuros empregados nadem em vez de caminhar e praticem surfe em vez de nadar. O empregado ideal

seria uma pessoa sem vínculos, compromissos ou ligações emocionais anteriores, e que evite estabelecer-los agora; uma pessoa pronta a assumir qualquer tarefa que lhe apareça e preparada para se ajustar e refocalizar de imediato suas próprias inclinações, abraçando novas prioridades e abandonando as adquiridas anteriormente; uma pessoa acostumada a um ambiente em que “acostumar-se” em si – a um emprego, habilidade ou modo de fazer as coisas – é algo malvisto e, portanto, imprudente; além de tudo, uma pessoa que deixará a empresa quando não for mais necessária, sem queixa nem processo.

O poder exercido pelos líderes das organizações também se modificou. Antes da modernidade o que importava era que os líderes estivessem fisicamente nos locais de trabalho, próximos e na sala de controle. Hoje, o que importa, “é que as pessoas que operam as alavancas do poder de que depende o destino dos parceiros menos voláteis na relação podem fugir do alcance a qualquer momento” (BAUMAN, 2001, p. 18). Sendo assim, as principais técnicas do poder seguem a quebra do confinamento territorial, ou seja, querem destruir qualquer muro que impedem o fluxo dos novos poderes, fluidos e globais. Uma das características desse poder é o mover-se levemente, deixar de se fixar a um único solo para estar em solos diferentes a cada momento. O que traz lucro hoje é, exatamente, a circulação, a reciclagem e a substituição, não a durabilidade e confiabilidade.

O tempo é o companheiro mais íntimo dos trabalhadores na modernidade líquida e fazer acontecer, a principal tarefa de cada um. A autoconfiança é o sentimento mais adequado para quem quer fazer as coisas acontecerem. Confiar nas próprias competências, isto é, na capacidade que tem em transformar conhecimentos em ação. Porém, ter autoconfiança num mundo tão instável não é uma tarefa fácil. Como também não é identificar na multidão de possibilidades quem seria a pessoa mais competente para fazer acontecer. “A mais pungente e menos respondível das questões dos nossos tempos de modernidade líquida não é ‘o que fazer?’ (para tornar o mundo melhor ou mais feliz), mas ‘quem vai fazê-lo?’” (BAUMAN, 2001, p. 153).

O progresso tão discutido na modernidade, que possibilita através do trabalho uma vida mais satisfatória, agora, na modernidade líquida, não é mais temporário e nem transitório, mas um desafio constante e uma necessidade perpétua, a única forma de estar e ficar vivo e bem. Esse progresso está agora individualizado, privatizado, ou seja, não é mais um problema de ordem coletiva, mas sim de cada um. Homens e mulheres, com seus próprios recursos, buscam uma condição de vida mais satisfatória, tornando-se a unidade de reprodução social da vida no mundo (BAUMAN, 2001).

A questão da *exequibilidade* do progresso, seja ela vista como destino da espécie ou tarefa do indivíduo, permanece como estava antes que se instalassem a desregulação e a privatização – e exatamente como articulada por Pierre Bourdieu: para projetar o futuro, é preciso estar firmemente plantado no presente. A única novidade aqui é que o que importa é a ancoragem do indivíduo em seu próprio presente. E para

muitos contemporâneos, talvez a maioria, sua ancoragem no presente é, na melhor das hipóteses, instável, e muitas vezes prima pela ausência (BAUMAN, 2001, p. 156).

Os planos na modernidade líquida, por mais cuidadosos e bem elaborados que sejam, costumam nos frustrar e a produzem resultados muito diferentes dos desejados. Bauman (2001, p. 156) coloca que o “nosso trabalho para eliminar o acidente e a contingência é pouco mais que um jogo de azar”. Assim, o trabalho se apresenta como “episódios isolados” como as demais coisas da vida humana. “O trabalho escorregou do universo da construção da ordem e controle do futuro em direção do reino do jogo; atos de trabalho se parecem mais com as estratégias de um jogador que se põe modestos objetivos de curto prazo, não antecipando mais que um ou dois movimentos” (BAUMAN, 2001, p. 159).

O trabalho passou a ser um ato único, perdendo a centralidade que tinha no período da modernidade sólida e do pesado capitalismo. “O trabalho não pode mais oferecer o eixo seguro em torno do qual envolver e fixar autodefinições, identidades e projetos de vida” (BAUMAN, 2001, p. 160). Adquiriu, portanto, uma significação estética, onde se espera satisfação em si e por si mesmo.

O ingrediente mais importante da modernidade líquida é a mentalidade de curto prazo, sendo seu slogan a flexibilidade. Tornando a vida de trabalho lotada de incertezas. Diferente das incertezas do passado, hoje elas são geradas pela individualização do trabalho, pela solidão que os medos, ansiedades e angústias devem ser sentidos. Diminuindo a luta pela “causa comum”, privando a solidariedade. “O emprego parece um acampamento que se visita por alguns dias e que se pode abandonar a qualquer momento se as vantagens oferecidas não se verificarem ou se forem consideradas insatisfatórias [...]”. Capital e trabalho, passam a ter um relacionamento fraco, que pode ser rompido a qualquer momento, permitindo a transitoriedade sem prejuízos. “A reprodução e o crescimento do capital, dos lucros e dos dividendos e a satisfação dos acionistas se tornam independentes da duração de qualquer comprometimento local com o trabalho” (BAUMAN, 2001, p. 171). Porém, essa independência não é total, alguns fatores políticos impedem, por exemplo, altos impostos e muitas regras de mercado.

As principais origens dos lucros na sociedade moderna são as ideias. Bauman (2001, p. 173) defende que “as ideias são produzidas uma vez apenas, e ficam trazendo riqueza dependendo do número de pessoas atraídas como compradores/clientes/consumidores – e não do número de pessoas empregadas e envolvidas na replicação do protótipo”. De acordo com Roberto Reich (*apud* BAUMAN, 2001, p. 174) as pessoas envolvidas em atividades econômicas podem ser divididas em quatro categorias:

“Manipuladores de símbolos”, pessoas que inventam as ideias e maneiras de torna-las desejáveis e vendáveis, formam a primeira categoria. Os envolvidos na reprodução do trabalho (educadores ou diversos funcionários do Estado de bem-estar) pertencem à segunda. A

terceira categoria compreende pessoas empregadas em “serviços pessoais” (o tipo de ocupações que John O’Neill classificava como “mercadores de peles”), que requerem encontros face a face com os que recebem o serviço; os vendedores de produtos e os produtores do desejo pelo produtos formam o grosso desta categoria.

Finalmente, a quarta categoria inclui as pessoas que pelo último século e meio formaram o “substrato social” do movimento operário. São, nos termos de Reich, “trabalhadores de rotina”, presos à linha de montagem ou (em fábricas mais atualizadas) às redes de computadores e equipamentos eletrônicos automatizados como pontos de controle.

Essa última categoria apresentada, são as partes mais fáceis de serem dispensadas e trocadas, pois são muito disponíveis no mercado de trabalho. Os requisitos dos empregos dessa categoria não exigem habilidades particulares ou qualidades especiais e nem de relações interpessoais com os clientes. Sendo assim, os empregadores não veem necessidade de assumir um compromisso de trabalho durável e os trabalhadores tem uma reação natural a essa flexibilidade, de não associar ao trabalho uma segurança de longo prazo (BAUMAN, 2001). O grande problema desse modelo de trabalho é que não inspiram motivações, porque não desafiam seus operários, não são tarefas que exigem a busca de novos conhecimentos.

Outro ponto que se diferencia na modernidade líquida, é que enquanto na sociedade sólida a procrastinação (deixar para amanhã o que deveria ser feito hoje) era comum e até aceitável, na sociedade líquida ela deve ser abolida. A vida líquida exige recompensas imediatas pela execução das tarefas e procrastinar significa adiar essas recompensas. A satisfação se tornou instantânea, como tirar uma foto digital e poder verificar no ato que o resultado foi positivo, caso contrário, outra foto pode ser tirada. O que demorava em trazer resultados agora é como um “flash”.

Assim sendo, o trabalho acompanha as mudanças dos tempos e as necessidades dos mercados. O cliente de hoje é mais consciente de seus direitos e do que eles esperam das organizações em relação aos seus produtos e serviços. A visão de mundo e da tarefa das organizações em relação a este mundo faz o cliente cobrar atitudes não só de geração de empregos, mas de cuidados com a continuidade dos recursos. Fazer parte desse mercado de trabalho, portanto, é ser capaz de se atualizar todos os dias.

Considerações finais

Através da pesquisa bibliográfica utilizada para este estudo, foi possível perceber as mudanças significativas que a era moderna sofreu com a globalização e evolução tecnológica. A sociedade moderna que era sólida e rígida, estável e de mudanças lentas, passou a ser líquida e flexível, instável e de mudanças instantâneas, sendo essas mudanças tão radicais em menos de um século.

Chamar a pós-modernidade de modernidade líquida, como faz Bauman, é uma forma adequada de dar ao período um significado que não contradiz o

que o próprio termo modernidade representa: “presente absoluto”. Como também, o termo “líquido” mostra exatamente o que o período histórico se mostra, sem forma, adaptável e mutável.

O trabalho, como a própria sociedade, evoluiu e se modificou com as transformações do tempo. Na sociedade sólida era como ela, um porto seguro, sabia-se que uma vez empregado e desempenhando adequadamente suas funções, assim se permaneceria por muitos e muitos anos. O que importava era a produtividade e a qualidade do trabalho. Os trabalhadores faziam planos e conseguiam colocar em prática seus objetivos de vida, porém esses planos não eram ousados. Apesar de ser um período de pouca participação do indivíduo no desenvolvimento das organizações, o trabalho era a garantia de futuro e sobrevivência.

Na sociedade líquida, o trabalho ganhou outra forma, ou melhor, deixou de ter forma e passou a se configurar de acordo com a exigência de cada hora e de cada circunstância. Ter um trabalho não é garantia de futuro, pois a qualquer hora esse trabalho pode não fazer mais parte da vida e outro trabalho deverá ser conquistado. São as habilidades, os conhecimentos e as atitudes que garantem o futuro, mas, a busca para ter esses conhecimentos, habilidades e atitudes desejados pelo mercado de trabalho é constante e sem limites. O futuro é um risco a ser corrido a cada escolha. Instável e mutável, o trabalho chega à sociedade pós-moderna com uma característica marcante, a atualização constante. Para se obter sucesso profissional, os trabalhadores da modernidade líquida precisam estar em constante evolução e desenvolvimento. Mudar é a palavra de ordem e ter boas ideias a garantia de sucesso.

Enfim, o trabalho continua sendo uma forma de busca de satisfação dos seres humanos, mas como o trabalho essa satisfação tem outro tempo. Na atualidade, a satisfação dura pouco e a busca por ela é constante. Como se nunca fosse possível saciá-la.

Este artigo não buscou exaustar o assunto e nem poderia, outras pesquisas devem ser realizadas e outras obras de Bauman devem ser analisadas.

Referências

ANDERSON, P. **As origens da pós-modernidade**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. **Vida líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

_____. **Tempos líquidos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007a.

_____. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

TECNOLOGIA